
FOLHETIM: ESPAÇO DE INTERMEDIÇÃO CULTURAL E LITERÁRIA NO SÉCULO XIX¹

Feuilleton: a Place of Cultural and Literary Mediation in the Nineteenth Century”

Maria Eulália Ramicelli²

RESUMO: Como Marlyse Meyer já explicou, são várias as vertentes do folhetim, essa invenção francesa que também fez grande sucesso no Brasil. Dentre os inúmeros percursos possíveis para tratar do Folhetim no universo de cultura letrada no Brasil, discuto seu papel intermediador de formas culturais e literárias britânicas e francesas para os brasileiros. Para tanto, considero o lugar específico do Folhetim nos periódicos brasileiros e as condições da presença de narrativas franco-britânicas nessa seção de jornais e revistas oitocentistas do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: folhetim no Brasil, periódicos oitocentistas, intermediação cultural e literária, ficção franco-britânica.

ABSTRACT: As already explained by Marlyse Meyer, the *Feuilleton* (a French invention that was also very popular in Brazil) has many facets. Among the numerous possible ways to address the *Feuilleton* in the Brazilian lettered culture, this article focuses on its role as mediator of British and French cultural and literary forms to Brazilians. For this purpose, the specific place occupied by the *Feuilleton* in Brazilian periodicals and the conditions for the presence of Franco-British narratives in this section of nineteenth-century newspapers and magazines from Rio de Janeiro are considered.

KEYWORDS: *feuilleton* in Brazil, nineteenth-century periodicals, cultural and literary mediation, Franco-British fiction.

¹ Partes deste texto já foram publicadas em *Narrativas Itinerantes. Aspectos franco-britânicos da ficção brasileira, em periódicos da primeira metade do século XIX* (Santa Maria: Ed. UFSM, 2009) e em “*La Revue Britannique à Rio de Janeiro au XIX^e siècle*” In: COOPER-RICHET D. et MOLLIER, J-Y. *Le Commerce Transatlantique de Librairie* (Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2012. p. 135-47). A seção sobre a *Revue Britannique* encontra-se aqui mais desenvolvida em virtude do trabalho de pós-doutorado que realizei na França entre setembro de 2009 e janeiro de 2010 com bolsa concedida pela Fondation Maison des Sciences de l’Homme.

² Docente da Universidade Federal de Santa Maria.

O folhetim é um manancial para o pesquisador interessado na problemática da cultura letrada e, mais particularmente, da produção literária no Brasil ao longo do século XIX. De fato, como Marlyse Meyer (1996; 1998, p. 109-96) já explicou, são várias as vertentes do folhetim, essa invenção francesa que também fez grande sucesso no Brasil. Por um lado, temos uma seção multifacetada nos jornais, cujo conteúdo acabou por transbordar do rodapé e constituiu o cerne de revistas recreativas. Cada faceta dessa seção de entretenimento abre perspectivas diversas de conhecimento da produção cultural e literária de um dado contexto. Por outro lado, temos um tipo específico de romance — o romance-folhetim — com características formais próprias, que dividiu espaço com romances não-folhetinescos publicados aos pedaços nessa mesma seção de variedades de jornais e revistas. São muitos, então, os percursos possíveis para tratar do folhetim no universo de cultura letrada no Brasil. Dentre essas possibilidades encontra-se a função do folhetim enquanto intermediador de formas culturais e literárias para os brasileiros; mais especificamente, de formas culturais e literárias britânicas e francesas. Fica claro que trato do folhetim enquanto espaço específico nas páginas do periódico e de sua ampliação para tornar-se o conteúdo de revistas inteiras. Mas ao falar em “espaço”, aludo a algo mais complexo do que o lugar físico dessa seção de entretenimento do jornal e da revista oitocentista. Importa, no caso, entender como o folhetim se insere no universo sociocultural tornado matéria de leitura através do periódico.

COM A PALAVRA, O INAUGURADOR DO FOLHETIM NO BRASIL

Foi nas páginas de *O Chronista* — jornal publicado no Rio de Janeiro, — que a seção folhetim aportou no Brasil em 5 de outubro de 1836. A meu ver, o texto de apresentação dessa nova seção do periódico brasileiro é importante pelo que revela sobre os propósitos editoriais desse jornal no que diz respeito às condições de acesso à cultura letrada no Brasil. O texto, publicado no rodapé das duas primeiras páginas de *O Chronista*, abre com a seguinte colocação ao leitor:

Se, por ventura, amigo leitor, entendeis a língua francesa, quando vos vem às mãos algum periódico francês, quando ansioso desdobrais suas extensas páginas, sede ingênuo, confessai, para onde primeiro se dirigem vossos olhos? Por

nós vos julgamos (e este é o melhor meio de quase sempre acertar nos juízos que dos outros fazemos), haveis de necessariamente com um rápido lança d'olhos abranger todas as colunas de alto a baixo... se nada interrompeu vosso raio visual, como que esperáveis achar coisa que não achaste, mostrai-vos meio triste, ledes à pressa essas monstruosas colunas para poderdes, abrindo outro número, ver se sereis mais feliz. Pois bem nesse outro número, quase em fim da página, um grande traço negro mais carregado interrompe vossa vista indagadora, por baixo desse traço, letras maiúsculas que dizem FEUILLETON aparecem radiantes, fascinadoras, feiticeiras. Então dais um suspiro de contentamento, — vosso predileto FEUILLETON é posto de parte, é mimosamente reservado para ser lido com vagar, para ser saboreado a contento, para servir de sobremesa a vosso banquete de leitura.

É interessante notar que, num primeiro momento, os leitores-alvo desse texto seriam aqueles com formação mais esmerada, pois saberiam a língua francesa e estariam acostumados à organização interna dos periódicos franceses da época. Num segundo momento, o público-alvo encontra-se sutilmente ampliado a ponto de abarcar possíveis leitores a quem seria importante apresentar o modo de inserção e a função do folhetim em meio à variedade textual que constitui o periódico.

E o texto segue:

Sim, amigo leitor, vai o CHRONISTA dar-vos FEUILLETON, não que seus redatores pretendam correr parrelhas com os Jules Janins,³ e quantos escritores de 1ª. ordem mandam artigos dessa espécie para os jornais franceses; árdua é por si mesma a empresa, talvez que nela sucumbíssemos se de nossas únicas forças loucos confiássemos, mas não: quando para nossos artigos faltar-

³ Jules Janin era romancista e crítico teatral do *Journal des Débats*, periódico parisiense de circulação diária que se destacou pelos artigos sobre romances e romancistas ingleses e por publicação de anúncios de editores e de romances ingleses publicados na França. Vários desses artigos foram escritos por Philarète Chasles, homem de letras francês a quem me referirei mais adiante (DEVONSHIRE, 1967, p. 20-1, 43-44; SÜSSEKIND, 2000, p. 168).

nos assunto, ou imaginação, ou a erudição precisa, imploraremos socorro; literaturas estrangeiras, alheias imaginações, abrir-nos-ão os tesouros de suas riquezas, e de qualquer modo sempre desempenharemos nossa promessa. [...] possam nossos artigos serem os oásis nos quais descansa o espírito do leitor. Fazer aparecer em nossa população a primeira necessidade da civilização moderna — o desejo de ler, — dar-lhe incremento, e fomentá-lo, oferecer leitura que distraia das lidas da existência, das amofinações dos trabalhos, dos tédios da inocupação, eis o que temos em vista, eis o que esperamos conseguir.

Chama atenção nessa apresentação do folhetim o aviso sobre os empréstimos a serem feitos de literatura estrangeira.⁴ Empréstimos vistos como necessários, dada a reconhecida insuficiência do meio brasileiro para produzir a quantidade de textos literários que desse conta da demanda da imprensa periódica. Assim, esse espaço de entretenimento no periódico instala-se no Brasil com uma função diferencial: intermediar o contato dos brasileiros com literatura estrangeira. Especificamente, no que diz respeito ao empréstimo de ficção britânica, o “socorro” estrangeiro de que fala o editor de *O Chronista* implicou uma dobradinha anglo-francesa que teria passado incógnita não fossem duas indicações (que se revelaram pista valiosa) fornecidas pelo próprio *O Chronista* de que uma revista francesa havia sido a fonte principal para os tradutores brasileiros dessas narrativas originalmente britânicas. Trata-se da *Revue Britannique*.

REVUE BRITANNIQUE: UMA PRESENÇA VELADA NOS PERIÓDICOS BRASILEIROS

Entre primeiro e 15 de setembro de 1838, o folhetim de *O Chronista* trouxe a narrativa “Costumes Húngaros. Speranski” com a seguinte indicação de fonte: *Foreign Quarterly Review/Revue Britannique*. Em 14 de fevereiro de 1839, o mesmo *O Chronista* publicou “O especulador”, cujas fontes eram *The Humourist/Revista Britannica* (ou seja, *Revue Britannique*). Essas são as únicas referências que indicam essa revista

⁴ Esse tipo de aviso é recorrente em periódicos oitocentistas porque nossos homens de letras não se acanhavam em declarar os vários problemas que enfrentavam para manter um periódico. Eram poucas mãos para muitas tarefas.

parisiense como fonte de empréstimo da ficção britânica traduzida e publicada no rodapé de jornais e revistas do Rio de Janeiro, no período que vai dos anos 1830 ao início da década de 1850. As demais indicações de fonte encontradas nos periódicos brasileiros trazem somente títulos de revistas e de livros em inglês ou o nome do autor da narrativa — às vezes, com erro de atribuição. Na verdade, essas indicações são as mesmas apresentadas pela *Revue Britannique*, esta, sim, diretamente consultada e amplamente apropriada por nossos homens de letras na busca por ficção estrangeira que os ajudasse a compor o folhetim dos vários periódicos por eles fundados e/ou dirigidos e nos quais também colaboravam.

Fundada pelos liberais Louis-Sébastien Saulnier, Jean-Michel Berton e Prosper Dondey-Dupré em 1825, a *Revue Britannique* durou até 1901. Publicada mensalmente, era formada por tradução de textos ficcionais e não-ficcionais retirados basicamente de revistas britânicas, mas também de algumas revistas norte-americanas e indianas, além de livros. Ocasionalmente, a *Revue Britannique* publicou artigos de seus próprios colaboradores, cada um dos quais estava a cargo de determinadas seções da revista. A *Revue Britannique* não era única no gênero. Havia outros periódicos franceses, tais como a *Revue Française*, a *Revue Encyclopédique*, a *Revue des Deux Mondes*, o *Journal des Débats*, e *The Athenaeum* que se moldavam pelas revistas britânicas e/ou se voltavam para a Grã-Bretanha e sua produção cultural, embora não de maneira tão sistemática como fazia a *Revue Britannique*. No contexto da imprensa periódica francesa no século XIX, a *Revue Britannique* não era das mais acessíveis: enquanto sua assinatura anual custava cinquenta francos a da *Revue des Deux Mondes*, por exemplo, saía por quarenta e quatro francos (DEVONSHIRE, 1967, p.13-27). O custo mais elevado dessa revista já indica seu público-alvo, que, aliás, encontra-se indicado no prefácio que abre o número inaugural, em junho de 1825: a *Revue Britannique* voltava-se para profissionais liberais tanto da área de administração pública como do comércio, oradores parlamentares e chefes de fábricas e manufaturas. Ou seja, a classe média que constituía na França um público leitor em constante expansão e ávido para obter instrução e ilustração e, assim, demarcar seu espaço na nova ordem social que vinha se instaurando à medida que a sociedade se tornava cada vez mais burguesa, laica, urbana e industrial.

Por ser uma publicação que visava acompanhar o que ocorria nas diversas esferas do contexto britânico, a *Revue Britannique* refletia o posicionamento ambíguo de seus idealizadores diante da Grã-Bretanha, dadas as circunstâncias da própria França. Por um lado, com a volta dos Bourbons

ao trono e, mais especificamente, com o governo ultramonarquista de Carlos X, iniciado em 1824, os partidários do liberalismo mantinham-se alertas em prol da monarquia constitucional. Nesse contexto, a considerável estabilidade e o avanço político-econômico da Grã-Bretanha chamavam a atenção dos defensores do regime representativo e constitucional, conquista recente e ainda não definitivamente assegurada pela burguesia francesa. Assim, à direção da *Revue Britannique* interessava perscrutar, de modo amplo, os diversos âmbitos do modo de vida e das realizações britânicas para comparativamente tirar proveito para seu próprio país. Por outro lado, havia exatos dez anos que um importante confronto bélico ocorrera em meio à histórica rivalidade entre França e Inglaterra pela hegemonia no plano internacional (hegemonia sobretudo comercial para a Inglaterra, político-militar para a França, cultural para ambas), resultando na desagregação do vasto império obtido sob Napoleão. Como Kathleen Jones (1939, p.17) destaca sobre Saulnier, ao tratar da personalidade cosmopolita e dos laços culturais desse primeiro diretor da *Revue Britannique* com a Grã-Bretanha, “[...] a derrota de Napoleão havia sido uma dura lição que lhe revelou a superioridade da civilização inglesa à época”.⁵ Havia, então, um profundo ressentimento do lado francês quanto à inegável supremacia britânica. Essa situação também encontrou expressão na *Revue Britannique* através do tratamento analítico e fortemente crítico dos assuntos e interesses britânicos registrados nos textos ficcionais e não-ficcionais traduzidos para atender o objetivo, reiterado pela direção editorial, de apreender os reconhecidos avanços da Grã-Bretanha nas diversas áreas do saber. Com efeito, é comum encontrar nos textos publicados na *Revue Britannique*, — notadamente em notas de rodapé assinadas pelo editor ou pelo tradutor, — uma abordagem bastante crítica do setor britânico ali em foco. Não por acaso, essa abordagem também está presente na versão francesa da ficção britânica, uma vez que o tradutor francês promoveu alterações significativas na estrutura narrativa, aprofundando certos aspectos já presentes, embora em menor grau, no texto britânico.

Apesar de sua longa duração, a *Revue Britannique* tem encontrado resistência no meio francês desde a época de sua publicação⁶ até os dias de

⁵ “[...] la défaite de Napoléon avait été une rude leçon qui lui révèle la supériorité de la civilisation anglaise de l'époque.” A tradução de citações em língua estrangeira é de minha autoria.

⁶ A propósito, Sainte-Beuve (1836) condenou a *Revue Britannique* por ter publicado a tradução de um artigo inglês que emitia opinião crítica sobre a literatura francesa; opinião que ele considerou errônea e mal intencionada. O artigo havia sido originalmente publicado na *Quarterly Review*.

hoje, de modo que é bem pouco estudada na própria França.⁷ Mais recentemente, essa revista tem sido considerada por Diana Cooper-Richet (2002, 2008-2009, 2009), que estuda o imenso e desconhecido filão de periódicos produzidos na Paris do século XIX, que não eram clara ou essencialmente franceses. É possível inferir que a *Revue Britannique* tem sido considerada de modo negativo pelos estudiosos franceses porque é entendida como sendo “britânica” e, portanto, inadequada para o contexto cultural francês marcadamente auto-centrado. No entanto, como indico acima, uma leitura atenta da revista permite perceber seu viés ao mesmo tempo crítico do contexto britânico e defensivo do francês, especialmente quando o autor britânico fazia comentários desabonadores sobre a França. Esse viés ideológico foi incorporado aos textos ficcionais e não-ficcionais traduzidos do inglês para suas páginas através de passagens criadas pelos tradutores e inseridas em meio aos textos ou em notas-de-rodapé — procedimentos recuperáveis por meio da comparação entre os textos originais em inglês e a tradução francesa feita pelos colaboradores dessa revista. Nota-se, com efeito, uma adaptação dos textos e, portanto, das ideias britânicas ao contexto francês.

Diante da comum desconsideração da *Revue Britannique* pelos estudiosos franceses, chama atenção o destaque dado por Patrick Berthier (2001) ao objetivo concreto dos diretores e colaboradores da revista de discutir o próprio contexto francês. Nas palavras de Berthier (2001, p. 321),

[...] a primeira [das duas revistas em questão] se chama “britânica” não porque ela considerava somente a produção intelectual do outro lado da Mancha, mas porque seu índice consiste de traduções de artigos publicados na Grã-Bretanha... e que podem dizer respeito à França.⁸

Não é coincidência que o próprio Berthier (2001, p.383) ressalta a predileção da maior parte da intelectualidade francesa oitocentista pelo contexto francês em detrimento de tudo o que não lhe dissesse respeito:

⁷ Conheço apenas dois estudos mais alentados sobre a *Revue Britannique: La Revue Britannique, son Histoire et son Action Littéraire (1825-1840)* da inglesa Kathleen Jones, originalmente tese de doutorado e publicado em 1939; *Le cercle de la Revue Britannique (1825-1901)*, tese de doutorado defendida em 2002 por Véronique Perrot.

⁸ “[...] la première s’appelle ‘britannique’ non parce qu’elle ne considérerait que la production intellectuelle d’outre-Manche, mais parce que son sommaire se compose de traductions d’articles parus en Grande-Bretagne... et qui peuvent donc concerner la France.”

Não há dúvida de que se certos adversários da renovação estética denunciavam como inoportuna ou inútil a pesquisa com inspiração vinda de fora das fronteiras francesas seja talvez porque eles têm o sentimento sincero de que sua posição, longe de traduzir uma recusa prudente, responde à urgência de defender um patrimônio nacional ameaçado por invasores perniciosos.

Permaneçamos Franceses! Esse é, de todo modo, o grito diversamente modulado pelos alarmistas.⁹

Nesse sentido, pode-se inferir que a longa existência da *Revue Britannique* deveu-se justamente à habilidade de seus sucessivos diretores e colaboradores de adaptarem o conteúdo britânico ao gosto francês. A inferência encontra respaldo nas apreciações críticas dessa revista e da *Revue Germanique* no *Grand Dictionnaire Universel du XIX^e siècle* de Pierre Larousse (1982, p.1130, 1132).¹⁰ De um lado, Larousse elogia a política editorial fundada por Saulnier, e mantida pelos demais diretores da revista, de trazer ao leitor da França e de outros países conhecimento sobre as importantes e influentes realizações dos britânicos em várias áreas da política e da economia.¹¹ De outro lado, Larousse aponta a apresentação de assuntos alemães sem considerar sua relação com o contexto francês e com a perspectiva francesa sobre eles (esta sempre vista como cosmopolita e, portanto, de interesse geral para a Europa) como razão principal para o insucesso da *Revue Germanique* (1859-1868) que era moldada pela *Revue Britannique* e igualmente impressa pelos Dondey-Duprés. Dito de outro modo, Larousse critica o fato de a *Revue Germanique* ter-se constituído como revista mais alemã do que francesa, o que, para ele, significava não ter cumprido sua função de periódico francês.

A dobradinha franco-britânica elaborada pela *Revue Britannique* pareceu interessante aos homens de letras brasileiros do século XIX a ponto

⁹ “[...] Il n’en reste pas moins que si certains adversaires du renouvellement esthétique dénoncent comme inopportune ou inutile la recherche de l’inspiration hors des frontières françaises, ce peut être parce qu’ils ont le sentiment sincère que leur opposition, loin de traduire un refus frileux, répond à l’urgence de défendre un patrimoine national menacé par de pernicioeux envahisseurs. Restons Français! tel est en tout cas le cri diversement modulé par les alarmistes.”

¹⁰ O *Grand Dictionnaire Universel du XIX^e siècle* foi originalmente publicado em 1882.

¹¹ Quanto à circulação internacional da *Revue Britannique*, além de sua presença no Brasil, sabe-se que essa revista também foi lida nos Estados Unidos (segundo registros publicados nela mesma) e teve contrafação belga.

de ter sido empregada como modelo e fonte não declarada de vários textos ficcionais e não-ficcionais para a produção de uma revista brasileira, — a *Revista Nacional e Estrangeira* (1939-1940).¹² E por que a *Revue Britannique* teria chamado tanto a atenção dos letrados brasileiros? Infito três motivos principais: 1) diante da reconhecida importância que os contextos econômico-político-cultural da França e da Grã-Bretanha tiveram para o Brasil no século XIX, essa revista oferecia uma interessante combinação de assuntos, informações e modos de pensar dessas duas nações consideradas pelos brasileiros como modelos de sociedade moderna. 2) O forte viés crítico dos franceses em relação ao contexto e às ações dos britânicos, expresso na *Revue Britannique*, teria atendido ao ressentimento dos brasileiros com as crescentes interferências inglesas no Brasil, principalmente quanto à pressão para o fim da escravidão, sistema de produção que já estava em pleno desacordo com o sistema produtivo cada vez mais industrializado liderado pelos ingleses. De todo modo, cumpre ressaltar que a perspectiva crítica da *Revue Britannique* sobre as realizações, as ideias e o modo de funcionamento britânicos não desmerecia a ideologia burguesa que encontrava expressão na ficção e nos textos não-ficcionais traduzidos a partir, principalmente, de uma grande variedade de revistas britânicas, dentre as quais estava a liberal *Edinburgh Review*, considerada modelo pelos sucessivos editores da *Revue Britannique*.¹³ 3) Como a *Revue Britannique* era bem conhecida dos letrados brasileiros, a seleção e a tradução de textos a partir de suas páginas teriam sido meios de promover a integração da elite cultural, política e econômica da corte brasileira ao redor de ideias liberais e de um modo de vida burguês, cujas maiores expressões se encontravam justamente na Inglaterra e na França. De fato, informar-se sobre o liberalismo, o regime representativo de governo e os diversos aspectos da vida burguesa constituía sinal de exclusividade e *status* social no Brasil. A *Revue Britannique* teria, assim, feito parte desse processo de aquisição de lustro burguês pelas elites do Rio de Janeiro.

¹² Uma breve discussão da relação entre a *Revista Nacional e Estrangeira* e a *Revue Britannique* encontra-se em: RAMICELLI, Maria Eulália. La *Revue Britannique* à Rio de Janeiro au XIXe Siècle. In: COOPER-RICHET, Diana; MOLLIER, Jean-Yves (org). *Le commerce transatlantique de librairie. Un des fondements de la mondialisation culturelle (France-Portugal-Brésil, XVIII-XX siècle)*. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2012. p.135-147. [e-book]. Para estudo mais aprofundado desse assunto ver: RAMICELLI, Maria Eulália. *Revista Nacional e Estrangeira* (1839-40): A Foreign or a Brazilian Magazine? In: SILVA, Ana Cláudia Suriani da; VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Books and Periodicals in Brazil 1768-1930: A Transatlantic Perspective*. Londres: Legenda, 2014. p.133-147.

¹³ A *Edinburgh Review* foi publicada em Edimburgo de 1802 a 1929.

A *Revue Britannique* é comprovadamente fonte direta da maior parte dos textos ficcionais originalmente britânicos publicados em jornais e revistas do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX.¹⁴ Trata-se de textos de curta extensão, pois a própria *Revue Britannique* dedicava espaço limitado aos textos e, assim, não incluiu em sua seção de ficção romances inteiros, mas, no máximo, trechos ou capítulos isolados, além de narrativas originalmente curtas. Do lado britânico, essas narrativas foram originalmente publicadas sobretudo em revistas londrinas e nas escocesas *Blackwood's Magazine* e *Edinburgh Review*.

À época, a livre — e até mesmo indiscriminada — apropriação de obras por quem as pirateava e/ou traduzia era facilitada pela precária regulamentação de direitos autorais.¹⁵ Foi o que aconteceu, por exemplo, com a série *Passages from the Diary of a Late Physician*, originalmente publicada na renomada *Blackwood's Magazine* (de 1830 a 1837), reproduzida nos Estados Unidos à revelia do editor (William Blackwood) e do autor (Samuel Warren) e traduzida anonimamente por Philarète Chasles para publicação na *Revue Britannique*, de tal modo que Warren insistentemente reclamou de várias mudanças feitas no texto pelo tradutor francês.¹⁶ O percurso dessa

¹⁴ A comprovação é fruto de pesquisa em periódicos e livros britânicos, franceses e brasileiros. O estudo aprofundado desse assunto encontra-se publicado em *Narrativas Itinerantes. Aspectos franco-britânicos da ficção brasileira, em periódicos da primeira metade do século XIX* (Santa Maria: Ed. UFSM, 2009).

¹⁵ Como Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2001) mostram, a Inglaterra deu o primeiro passo em direção à regulamentação de propriedade autoral, quando em 1710 o parlamento promulgou o *Estatuto de Ana*, legislação que foi sendo reformulada ao longo dos séculos XVIII e XIX. Apesar de nesse período ter havido crescente discussão, dentro e fora da Europa, quanto à definição dos direitos autorais, o que se constata é que as obras continuaram a circular e ser traduzidas livremente.

¹⁶ É esse o assunto das notas de rodapé incluídas por Warren já na primeira edição em livro de *Passages from the Diary of a Late Physician*, em 1832, quando a série ainda nem estava completa na própria *Blackwood's Magazine*; essas notas foram mantidas nas edições subsequentes. Cumpre ressaltar que o sucesso de *Passages from the Diary of a Late Physician* na própria Inglaterra foi tamanho que permitiu a Samuel Warren rivalizar em popularidade com Charles Dickens, embora a inferior qualidade de sua ficção não lhe tenha permitido sustentar-se frente à crítica no próprio século XIX. Quanto a Victor-Euphémien-Philarète Chasles (1798-1873), foi um homem de letras bastante ativo. Publicou várias obras de crítica literária, escreveu ficção e colaborou para diversas revistas francesas concomitantemente, tais como *Journal de Débats*, *Revue Britannique*, *Revue des Deux Mondes* e *Revue Encyclopédique*. Kathleen Jones

série, desde as páginas da *Blackwood's Magazine* até o folhetim (ou a seção de “Variedades”) de periódicos brasileiros, é paradigmático da função do folhetim como intermediador de formas culturais e literárias franco-britânicas no Brasil. Portanto, discuto, na sequência, os diversos e até mesmo surpreendentes meandros seguidos pelos episódios de Samuel Warren ao cruzarem o canal da Mancha e o oceano Atlântico. Como a tradução foi o *modus operandi* desse intercâmbio literário, é preciso antes considerar os princípios que regiam a prática tradutória e seus consequentes desdobramentos para a estrutura formal das narrativas no contexto específico do século XIX.

A direção editorial da *Revue Britannique* destacou, em alguns prefácios, a alta qualidade de seus colaboradores, ou seja, tradutores dos artigos garimpados principalmente em revistas britânicas. Por competência tradutória, — pressuposto fundamental para a produção dessa revista, — entendia-se a capacidade de “revestir de uma forma francesa as ideias estrangeiras e introduzi-las com sucesso” entre os franceses,¹⁷ o que significava manipular os textos da seguinte forma:

Tratava-se não somente de escolher, mas de descartar [textos]; não somente de comunicar ao público os melhores artigos, mas de resumi-los e de, às vezes, elucidá-los; não somente de transportá-los à nossa língua, mas de apropriá-los à nossa civilização; não somente de dar ouvidos aos gritos de uma das facções que dividem a Inglaterra, de um dos interesses que se agitam em seu seio, mas de comparar as diversas opiniões sem confundi-las e de fazer surgir, de seu choque, a verdade. Essa tarefa delicada, e que exige um conhecimento exato das duas nacionalidades, foi cumprida, com um talento que a estima pública coroou, pelos homens aos quais o Sr. Saulnier a havia delegado.¹⁸

(1939, p.138) afirma que Philarète Chasles foi um dos mais importantes conhecedores da cultura anglo-saxã na França.

¹⁷ A passagem completa dessa citação encontra-se num texto em que o editor Louis-Sébastien Saulnier trata dos colaboradores da *Revue Britannique*: “Tous sont connus par de bons écrits ou pour avoir pris part à la rédaction de nos journaux les plus estimés. Il fallait des plumes habiles et exercées pour revêtir d'une forme française des idées étrangères, et les introduire avec succès parmi nous.” Trecho do “Avertissement” de 1826, p. 8.

¹⁸ “Il s'agissait non seulement de choisir, mais d'éliminer; non seulement de communiquer au public les meilleurs articles, mais de les résumer et de les élucider quelquefois; non seulement de les transporter dans notre langue, mais de les approprier à notre civilisation; non seulement de

Tendo por base esse ponto de vista, é compreensível que a direção da *Revue Britannique* julgasse seus colaboradores capazes de aprimorar os textos, o que não era tarefa fácil, pois:

O conhecimento da língua inglesa é atualmente algo vulgar; a arte de traduzir com sucesso as melhores produções é, ao contrário, bem rara. Nada, no fundo, é mais infiel do que uma tradução literal, que descolore os textos que ela reproduz, fazendo desaparecer deles o movimento e a graça.¹⁹

Num primeiro momento, essa constatação soa bastante razoável especialmente no que diz respeito à tradução de textos literários, mas ao se considerar o que diz Philarète Chasles sobre sua tradução de *Passages from the Diary of a Late Physician*, percebe-se quão longe podia ser levado o propósito de aprimoramento do texto através de tradução não-literar. Com efeito, em carta endereçada a Amédée Pichot (diretor da *Revue Britannique* entre 1838 e 1877),²⁰ Chasles afirma que a série de Warren chamou sua atenção pelo componente sentimental e senso moral e admite, em tom irônico, ter interferido fortemente no texto a fim de aprimorá-lo:

Que o Sr. Warren também me perdoe se fiz uma *triagem* entre suas histórias, se destruí seu estilo, mudei o diálogo, reduzi os personagens a proporções mais ingênuas; se pudei os ramos parasitas da obra mutilada; suprimi os grandes discursos, as digressões e declamações metafísicas; se usei, com extrema independência e licença excessiva, seu

prêter l'oreille aux cris de l'une des factions qui divisent l'Angleterre, de l'un des intérêts qui s'agitent dans son sein, mais de comparer les diverses opinions sans les confondre, et de faire jaillir la vérité de leur choc. Cette tâche délicate, et qui exige une connaissance exacte des deux nationalités, a été remplie, avec un talent que l'estime publique a couronné, par les hommes auxquels M. Saulnier l'avait distribuée." Trecho do prefácio de 1835, da autoria de Léon Galibert, segundo editor da *Revue Britannique*.

¹⁹ "L'intelligence de la langue anglaise est maintenant une chose vulgaire; l'art de traduire avec bonheur ses meilleures productions est, au contraire, très rare. Rien, au fond, de plus infidèle qu'une traduction littérale, qui décolore les textes qu'elle reproduit, en en faisant disparaître le mouvement et la grâce." Trecho do prefácio de 1829, p. 12.

²⁰ Essa carta abre *Souvenirs d'un Médecin* (1855), publicação em livro da tradução de Philarète Chasles para *Passages from the Diary of a Late Physician*.

excelente material. Creio que lhe prestei um favor ao agir dessa forma²¹ (grifo no texto).

Philarète Chasles não exagerou ao assumir, nesses termos, sua *recriação* do texto de Warren, pois, com frequência, fez com que o narrador-protagonista da série (o médico do título) assumisse uma postura crítica frente a vários aspectos do modo de vida inglês que embasa as situações por ele testemunhadas ou vividas. Do lado brasileiro, os tradutores não promoveram grandes alterações no texto configurado por Chasles. Contudo, os episódios que lemos no “Folhetim” do *Jornal do Comércio* e na seção “Variedade” da *Revista Nacional e Estrangeira* esfumaçam a intermediação francesa, pois omitem a autoria francesa da quase totalidade das notas de rodapé explicativas do contexto britânico e indicam como fonte a *Blackwood's Magazine* (porque assim estava anotado na *Revue Britannique*) e não a revista francesa. De todo modo, é significativo que o processo tradutório (para o francês e daí para o português) de *Passages from the Diary of a Late Physician* fez da série uma narrativa mais ágil quando comparada à versão de Warren.

A série, na tradução de Philarète Chasles intitulada *Journal d'un Médecin*, parece ter tido boa aceitação do público francês e veio para o Brasil, onde, sob o título *Diário d'um Médico*, teve em 1839 e 1840 onze episódios publicados na *Revista Nacional e Estrangeira* e três no *Jornal do Comércio* (dos quais, um é o mesmo que consta daquela revista). A positiva recepção da série na França e no Brasil pode ser inferida pela considerável permanência desse texto no rol de leitura desses países, em várias formas, algumas indicativas das tortuosas práticas de edição correntes na Europa e no Brasil oitocentistas. É de algumas formas de apropriação dessa série que passo a tratar agora, uma vez que expressam muito bem tanto a dinâmica cultural e literária do folhetim brasileiro no século XIX como as diferentes motivações que embasavam a inclusão de ficção em periódicos.

Em primeiro lugar, graças a dois periódicos brasileiros é possível saber sobre uma apropriação francesa curiosa de uma das narrativas de *Passages from the Diary of a Late Physician*, a qual diz respeito a uma

²¹ “Que M. Warren aussi me pardonne si j'ai fait le *tri* parmi ses histoires, si j'en ai détruit le style, changé le dialogue, réduit les personnages à des proportions plus naïves; si j'ai emondé les branches parasites de l'oeuvre mutilée; supprimé les grands discours, les digressions et déclamations métaphysiques; si j'ai usé, avec une indépendance extrême et une licence excessive, de ses matériaux excellents. Je crois lui avoir rendu service en me conduisant ainsi.” (WARREN, 1855)

adaptação para montagem teatral. Adaptação em sentido amplo, pois, além da transposição do texto para a linguagem dramática, houve completa mudança do enredo original, do qual ficou apenas o argumento: um aristocrata (Sir Harleigh) fica louco e, na sua insanidade, julga que sua esposa (Lady Anna) é quem está mentalmente enferma; portanto, chama o médico para cuidar da esposa, o qual, logo reconhecendo quem é o verdadeiro lunático, tenta cuidar do caso.

O ponto de partida é, então, o episódio “The Baronet’s Bride”, capítulo XV de *Passages from the Diary of a Late Physician* (*Blackwood’s Magazine*, janeiro de 1834). Essa narrativa foi traduzida para a *Revue Britannique* (março de 1834) com o título “Elle est folle” e daí para o “folhetim” do *Jornal do Comércio* (janeiro de 1840), como “Está louca”. Nessas traduções do texto inglês não houve alterações significativas da trama, mas várias cenas e personagens secundários e muito da verborragia, dos longos discursos e extravasamentos melancólicos do narrador inglês foram suprimidos, inclusive com certa simplificação adicional da tradução brasileira frente à francesa. O resultado em português é um texto mais ágil, com maior enfoque na ação central.

Ora, no *Correio das Modas*, de 6 de setembro de 1840, e no *Diário do Rio de Janeiro*, de 10 de setembro do mesmo ano, encontram-se resenhas críticas das peças teatrais apresentadas na corte nos dias anteriores. No *Correio das Modas*, o artigo se intitula “TEATRO FRANCÊS — La phiole de Cagliostro — Elle est folle — Le mari de la veuve”, enquanto no “Apêndice” daquele jornal, “A companhia francesa — Elle est folle — Le gamin de Paris”.²² Lendo-os, fica claro que tratam do mesmo espetáculo teatral, pois ambos preferem se calar sobre os *vaudevilles* daquela noite (os dois mencionados no *Correio das Modas*), centrando atenção sobre *Elle est folle*. São nítidas a recepção calorosa dada à companhia teatral francesa que se apresentou no Rio de Janeiro e a nota modernizadora dada à sociedade fluminense pela possibilidade do contato com a arte dramática francesa. Nas palavras do *Correio das Modas*:

²² À época, o espaço do folhetim no *Diário do Rio de Janeiro* ainda era denominado “Apêndice”. Em 12 de fevereiro de 1841, a direção editorial do jornal assim explicou aos leitores a renomeação dessa seção a partir daquele dia: “A palavra *folhetim*, adotada pelo *Jornal do Comércio* para dar ideia dos artigos de recreio que os franceses chamam *feuilleton*, está geralmente recebida; nós, para não contrariar o uso, substituímos o nosso *apêndice* pelo *folhetim*” (grifos no texto).

O teatro francês continua a fazer furor: quem há aí com pretensões ao bom gosto e a ter influência nas boas sociedades que não tenha ido dar palmas a Mr. Ernest, louvar a voz doce de Mme. Albertine, a simplicidade com que representa Mr. Segond?²³ A novidade agrada e deleita e o teatro francês, além do mais, tem o cunho da novidade, portanto prepare-se Mr. Ernest para colher uma boa dose de mil réis.

No mesmo tom congratulatório, o crítico do *Diário do Rio de Janeiro* destaca o *status* de modelo que os atores franceses deveriam ter para os maus atores brasileiros, tão afetados em suas apresentações.

Ambos os críticos desses periódicos fazem questão de informar o leitor sobre a origem do enredo usado como base de *Elle est folle* - a peça teatral:

Esta peça tem sua origem em Inglaterra: uma das Revistas inglesas publicou um belo artigo com esse título, e o autor francês aproveitou até o título, que, bem ao pé da letra, quer dizer — *Está louca*.

(*Correio das Modas*)

Quem não tem notícia dos artigos publicados em uma Revista Inglesa sob o título — *Diário d'um Médico?* O *Jornal do Comércio* já nos deu o prazer de publicar alguns desses artigos, entre os quais se lê o intitulado — *Está louca*. Desse romance interessantíssimo tirou o autor francês a ação de sua comédia, e fez bem por dar-nos assim uma bela produção, notável por cenas naturais, vivas e encantadoras.

(*Diário do Rio de Janeiro*)

Para além da relevância desses excertos enquanto registro de leitura no Brasil oitocentista, — coisa rara de se encontrar, — em que o autor do artigo lembra ao leitor contemporâneo um texto que ainda estava no repertório literário daquela sociedade, eles também são preciosos testemunhos do labiríntico circuito ficcional entre Grã-Bretanha, França e

²³ Deve ser Mme. Ségond, segundo o que se lê no *Diário do Rio de Janeiro*.

Brasil. Mistura-se a origem geográfica (Inglaterra) com as transformações por que o texto foi passando em seu périplo pela França e pelo Brasil (por exemplo, o título da narrativa e o da série), enredando tudo numa coisa só, sem qualquer distinção, — porque isso não seria relevante nem constituía uma preocupação à época, — entre os níveis de apropriação e usos específicos do texto, através da tradução. Assim sendo, de Samuel Warren, de *Passages from the Diary of a Late Physician* e de "The Baronet's Bride" nenhum vestígio consciente restou. Principalmente nessa fase de completa transmutação da narrativa para a versão teatral, reconhecida, de certo modo, pelo crítico do *Diário do Rio de Janeiro*, ao resumir o enredo: "Falo da comédia e não do romance; o autor francês não adotou o motivo a que o romancista inglês atribuiu a loucura de sir Harleigh."²⁴

De fato, "The Baronet's Bride" e suas traduções francesa e brasileira, ainda que estas em tom mais leve, constituem narrativa melancólica, com desfecho trágico, em que os personagens centrais não têm direito à felicidade: quando Sir Harleigh se recupera da demência, Lady Anna já está morta e, logo depois, seu filho também vem a falecer. Mas a montagem teatral francesa transformou o argumento trágico em cômico, como informam o *Correio das Modas* e o *Diário do Rio de Janeiro*. Como o resumo da peça é mais detalhado no *Diário do Rio de Janeiro*, percebe-se que certas ações da narrativa original permaneceram, ainda que modificadas em sua sequência e quanto aos seus agentes. No entanto, para a peça foram criados novos personagens que se tornaram centrais para o enredo e o texto seguiu um movimento folhetinesco com revelações, vaivéns, aparição de quem era julgado morto; enfim, uma outra história. Com a aprovação do crítico teatral do *Diário do Rio de Janeiro*: "O autor francês [entenda-se, o autor da peça teatral], para prazer do espectador, afasta-se no desfecho do romancista inglês, que faz morrer o louco em uma casa de alienados." Nem se afasta, como se viu, só no desfecho e nem o final em inglês ocorre da

²⁴ Na narrativa de Samuel Warren, Sir Harleigh enlouquece diante da possibilidade de perder seu título aristocrático e sua fortuna para um desconhecido que protestava na justiça ser o verdadeiro dono daqueles bens. Sir Harleigh tem pesadelos e acaba por perder o uso da razão ao antever a vergonha de ser considerado uma 'farsa' pela sociedade e, em especial, por sua esposa. O acusador morre repentinamente, devido a bebedeira, mas num momento em que a decadência física do casal Harleigh já está por demais avançada. Na peça teatral, o motivo para a insanidade é completamente diferente. Nas palavras do crítico do *Diário do Rio de Janeiro*: Sir Harleigh é ciumento e acredita que "um mancebo cheio de graças, e como ele rico e em boa posição, mostra-se respeitoso obsequiador de lady Anna [...] foi quanto bastou para excitar o demônio do ciúme no coração do marido; para evitar desgraças toma a resolução de viajar, mas o mancebo [os] acompanha por toda parte."

forma indicada. A esta altura, cruzamento de leituras, versões diferentes do mesmo texto e memória pessoal do leitor-crítico parecem se embaralhar num processo que figura o próprio enredamento literário entre Grã-Bretanha-França-Brasil no século XIX.

O segundo caso de apropriação da série de Samuel Warren é interessante por colocar em evidência a relação entre política editorial e seleção de texto a ser publicado em periódico. Quanto a essa questão, o estudioso inglês Mark Parker (2000) alerta para o que o estudo de ficção publicada em periódicos envolve, uma vez que estes consistem num tipo de publicação específico, com particularidades próprias que influem no significado do texto. O periódico visa à leitura imediata e sua configuração, portanto, encontra-se particularmente aliada ao momento contingente. A republicação de um texto em outro formato pode levar a mudanças no seu significado. Daí Parker defender como importante, no trabalho com periódicos, a atenção às características desse tipo de impresso, visto o significado do texto também ser construído a partir do conjunto discursivo no qual ele se integra, isto é, a partir de todos os outros textos com os quais ele está obrigatoriamente relacionado pelo processo de inclusão no periódico, segundo direcionamentos editoriais, interesses contingentes ao período, da parte do editor e/ou do autor do texto, além de outros aspectos contextuais da publicação periódica. A revista (ou o jornal) é um referencial que nunca deve ser negligenciado a fim de evitar o risco de interpretações distorcidas de um texto, porque descoladas de seu contexto mais imediato: o próprio periódico e sua inserção no seu tempo histórico. Essas considerações teóricas são fundamentais para a compreensão do tratamento dado a um episódio da série *Passages from the Diary of a Late Physician* de modo a adequá-lo perfeitamente aos propósitos de uma revista voltada ao público feminino do Rio Janeiro: o *Jornal das Senhoras*.

O *Jornal das Senhoras*. *Jornal da Boa Companhia*. *Modas, Literatura, Belas-Artes e Teatros* (1852-1855), fundado por Joana Paula Manso de Noronha, era uma revista de senhoras para senhoras.²⁵ Seguiu o propósito corrente dos periódicos de informar e formar seu público leitor de modo a colaborar para a modernização e o desenvolvimento cultural da sociedade brasileira. Era totalmente aberto às colaborações femininas e amadoras, pois, segundo sua redatora, que sentiu a necessidade de justificar a existência de “uma Senhora à testa da redação de um jornal” como uma

²⁵ Ana Luiza Martins (2001) esclarece que não havia discriminação estrita entre os termos *jornal* e *revista* no século XIX, e mesmo no início do século XX.

atitude de vanguarda, já que isso era comum na Europa, seus propósitos eram:

[...] propagar a ilustração e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.

Eis-nos pois em campanha; o estandarte da ilustração ondula gracioso à brisa perfumada dos Trópicos: acolhei-vos a ele, todas as que possuíis uma faísca de inteligência, vinde. Confidente discreto das vossas produções literárias; elas serão publicadas debaixo do anônimo: porém não temais confiar-mo-las, nem temais dar expansão ao vosso pensamento; se o possuíis é porque é dom da Divindade, e aquilo que Deus dá, os homens não o podem roubar.²⁶

Ao lado dos assuntos tradicionalmente considerados “femininos” porque “triviais” — por exemplo, moda, costura, música, ficção, poesia —, o *Jornal das Senhoras* publicava dicas para tratamento de saúde e se preocupava com o nível da educação formal das meninas, fossem elas ricas ou pobres.²⁷ A preocupação da redação do *Jornal das Senhoras* para com a formação moral de suas leitoras perpassa toda a revista e se destaca em alguns momentos como o da seleção de ficção a ser ali publicada. É o que se dá, por exemplo, com relação a *Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas, cuja publicação nessa revista se iniciou em 3 de setembro de 1853. Na apresentação do texto, a redatora (que a essa altura já era outra: Violante Ataliba Ximenes de Bivar e Velasco) afirma que só se decidiu a publicar esse romance porque “o incógnito tradutor [fez] cortes e supressões [nessa] obra escrita *dissolutamente*” (grifo no próprio texto).

Seria atendendo a esse objetivo de edificação, o qual devia reger a formação integral da boa senhora brasileira, que, em 11 de fevereiro de 1855, foi publicada “A mulher do negociante”, narrativa ambientada na Inglaterra e que, como outras também aparentemente inglesas por seu conteúdo e presentes no *Jornal das Senhoras*, não possui qualquer indicação de fonte ou autoria. Mas lendo-a, pude nela reconhecer uma reescrita resumida e modificada — no título, nos nomes de personagens e no enfoque narrativo —

²⁶ Artigo inaugural do *Jornal das Senhoras*, em primeiro de janeiro de 1852.

²⁷ É esse o assunto do artigo “Estudos sobre a educação das meninas”, de 29 de fevereiro de 1852.

do capítulo XI de *Passages from the Diary of a Late Physician*: “The ruined Merchant”.

“The ruined Merchant” é a história de Henry Dudleigh, um “verdadeiro comerciante inglês”, que, à custa de esforço próprio, prudência, honestidade e casamento com uma rica viúva, torna-se poderoso e influente comerciante da praça londrina. Tem um casal de filhos: o rapaz, estudante de Oxford, tão esbanjador e frívolo quanto a mãe, que consome grandes somas de dinheiro em festas, jantares e jogos; a filha, Agnes, moça sensível que sofre com o constante sacrifício do pai pela família e com os excessos de sua mãe e irmão. Como burguês rico que é, o Sr. Dudleigh pensa em casar a filha com um aristocrata para dar nome e *status* à sua fortuna, o que implica gastos para ganhar visibilidade junto à alta sociedade. Como consequência das constantes e imensas despesas da família e de maus negócios, os Dudleigh se arruinam por completo: o filho foge para os Estados Unidos por ter assassinado um homem que insultara sua família, sendo agora perseguido pelos amigos deste; a mãe morre desconsolada; Agnes, tísica, também acaba morrendo não sem antes sofrer muito física e moralmente; o Sr. Dudleigh, mentalmente abalado, vai para um asilo após a morte da filha, onde também falece no momento em que revê o filho que voltara do autoexílio.

No *Jornal das Senhoras*, “A mulher do negociante” tem início num dos suntuosos bailes dados por Mistress Apsley, esposa do negociante Henrique Apsley (não mais Dudleigh). Nessa ocasião celebrava-se o casamento da filha Emma Apsley com um “par da Inglaterra, ‘mais apaixonado pelo dote, do que pela formosa herdeira que lhe entregavam. Mr. Apsley é repentinamente tomado de ataque apoplético. Um pequeno *flashback* informa o leitor que a apoplexia é consequência de profundo abalo por ter tido uma nota promissória reclamada por falta de fundos, o que pode arruinar seu nome no mundo dos negócios. Tal fato decorre dos vultosos gastos de sua esposa com jóias, roupas, mobília, eventos sociais e apostas em jogo. Como o narrador destaca em um *flashback* mais longo localizado em ponto mais avançado da narrativa:

Os jornais registravam as descrições dos bailes esplêndidos que dava a mulher do negociante, esquecida dos seus deveres de mãe, para se entregar unicamente aos prazeres e à dissipação. Apsley lastimava tudo isto, mas não tinha coragem para lhe dar remédio. Contemplava com horror, mas em silêncio, este luxo, esta desordem fatal, que devorava o ouro dos seus cofres.

Apsley é atendido pelo Dr. Molden, médico que se encontrava presente na festa. Volta-se ao momento presente da narrativa, com o fim da festa e a retomada do cotidiano pelos Apsley, após permanência de um mês fora de Londres. Desse ponto em diante, há um longo *flashback* em que predomina o discurso do narrador: a vida de Henrique Apsley é resumida até o ponto de início da narrativa, — o baile, — a fim de que o leitor possa entender o conflito familiar, conforme o próprio narrador indica: “Neste estado se achavam as coisas quando aconteceu o incidente que começa esta história.” O desfecho acontece em ritmo acelerado: Mr. Apsley fica louco e Emma falece, sendo que Mrs. Apsley e o filho, grandes esbanjadores, já haviam morrido (ele, num duelo, defendendo o nome de seu pai). Os últimos parágrafos trazem a *moral* da história: “O céu dotara generosamente o honrado Apsley, dando-lhe energia, talento, coragem, fortuna e honras — uma mulher lhe roubou tudo isto. A ruína de uma casa e a sua fortuna quase sempre dependem de uma mulher.”

O caminho percorrido pelo capítulo de Samuel Warren até essa versão publicada no *Jornal das Senhoras* é um mistério, mas é interessante como essa nova versão, centrada na personagem de Mrs. Apsley, — como o próprio título indica, — cai como uma luva para o princípio editorial do *Jornal das Senhoras* de *formação* da mulher brasileira. Formação que incorporaria, no plano ideológico, valores bastante arraigados da sociedade inglesa do século XIX, uma vez que, pelo contraexemplo de Mrs. Apsley, “A mulher do negociante” defende alguns dos aspectos centrais de uma noção bastante cara ao contexto vitoriano: a da mulher burguesa como sendo o “anjo da casa” (*angel in the house*). Com efeito, dentre outras funções e atributos pessoais socialmente valorizados pelos ingleses, a mulher burguesa devia ser mãe e esposa atenciosa, dedicada e amável; devia saber administrar as atividades domésticas e “preservar o lar enquanto refúgio do rude mundo das ruas” (ALTICK, 1973, p.53).

“A mulher do negociante” possui semelhanças com a narrativa original em inglês quanto ao baile, em que se expõe o escândalo financeiro da família, e à caracterização e percurso dos personagens centrais, com exceção do destino final do filho. No entanto, o encaminhamento narrativo, significativamente modificado e resumido, apresenta problemas de coerência interna: o leitor já é lançado num ponto avançado da história, o que explica a necessidade de *flashbacks* em que a ação é condensada pelo domínio do narrador, a fim de informar sobre os fatos que conduziram àquele momento crucial, — o baile, — que, nesta versão, é o que mais importa, dada a lição

moral que dele pode-se tirar para a conduta feminina. Conduta que se quer responsável e consciente de seus deveres para a mulher brasileira, cujo papel na sociedade da corte vinha-se modificando paulatinamente a ponto de uma revista poder ser fundada, dirigida e escrita por mulheres. De fato, no artigo “Às nossas assinantes”, de 4 de julho de 1852, é passada em revista a linha editorial do *Jornal das Senhoras*, que se mantém apesar da mudança da redatora-chefe (sai Joanna Paula e entra Violante), a partir desses seis meses iniciais em que se publicaram “[...] artigos originais sobre a educação da mulher, seus deveres e posição social, e muitos outros, morais e religiosos; muitas poesias, e artigos sobre modas, teatros, belas artes... e um lindo romance [deve ser alusão a *Mistérios del Plata*]”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a discussão das relações estabelecidas por homens de letras entre periódicos britânicos, franceses e brasileiros, e das formas diversas de apropriação de ficção britânica nesse contexto de produção periódica permite recuperar o intenso movimento de matéria literária e de conteúdo sociocultural no triângulo formado por Grã-Bretanha — França — Brasil. Movimento que se encontra latente na *forma* narrativa dessa ficção configurada como internacional (e não mais apenas britânica) e publicada no folhetim de periódicos brasileiros. Como Hélio de Seixas Guimarães (2012, p.66) assinala, em um país, “onde a grande maioria era iletrada, as referências culturais da elite estavam do outro lado do oceano e o acesso à informação era dificultoso e restrito a muito poucos [...]”. Por conseguinte, estas colocações sobre a função do folhetim como intermediador cultural e literário para o leitor brasileiro oitocentista colocam em evidência a importância desse espaço aparentemente despretensioso do periódico para a divulgação e construção de ideias e ideais de viés liberal burguês com valor altamente civilizatório e modernizador para as elites sócio-econômico-político-culturais brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Periódicos

Blackwood's Edinburgh Magazine. Edinburgh: William Blackwood & Sons, 1817-1980.

O Chronista. Rio de Janeiro: Typographia Commercial de Silva & Irmão. [Typographia J. do N.Silva], 1836-1839.

Diário do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Real Typographia, 1821-1822. [Typographia do Diário] 1822-1878.

Jornal das Senhoras; modas, literatura, belas-artes, teatros e crítica. Rio de Janeiro: Typographia Parisiense [Typographia do Jornal das Senhoras], 1852-1855.

Jornal do Comércio. Rio de Janeiro: Typographia Seignot Plancher [e outras], 1827- .

Revista Nacional e Estrangeira. Rio de Janeiro: Typographia de J.E.S.Cabral, 1839-1840.

Revue Britannique, ou choix d'articles traduits des meilleurs écrits périodiques, de la Grande-Bretagne, sur la littérature, les beaux-arts, les arts industriels, l'agriculture, la géographie, le commerce, l'économie politique, les finances, la législation, etc., etc. Paris: Dondey-Dupré, 1825-1901.

Obras Gerais

ALTICK, Richard D. *Victorian People and Ideas*. New York: W.W. Norton & Company, 1973.

BERTHIER, Patrick. *La presse littéraire et dramatique au début de la Monarchie de Juillet (1830-1836)*. Villeneuve-d'Ascq: Presses universitaires du septentrion, 2001.

COOPER-RICHET, Diana. *Revue anglaises, revues françaises: des formes multiples d'échange*. In: PLUET-DESPATIN, Jacqueline; LEYMARIE,

Michel; MOLLIER, Jean-Yves (dir.). *La Belle Époque des revues: 1880-1914*. Paris: Éditions de L'Imec, 2002. p.361-79.

_____. L'imprimé en langues étrangères à Paris au XIX^e siècle: lecteurs, éditeurs, supports. *Revue française d'histoire du livre*, Genève, n. 116-7, p. 203-35, 3^e & 4^e trimestres, jul. – dez. 2002.

_____. Paris et l'écoute des cultures du monde au XIX^e siècle. *Les Cahiers du XIX^e siècle*, Waterloo, n. 3-4, p. 225-45, 2008-2009.

_____. Paris, carrefour des langues et des cultures. Edition, presse et librairie étrangères au XIX^e siècle. *Histoire et civilisation du livre. Revue Internationale*, Genève, p.121-143, 2009.

DEVONSHIRE, M.G. Intermediaries or Channels of Introduction; Intermediaries or Channels of Introduction (continued). In: *The English Novel in France, 1830-1870*. New York: Octagon Books, 1967. p.13-27, 40-53.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*. 2. ed. São Paulo: Nankin/Edusp, 2012.

JONES, Kathleen. *La Revue Britannique, son Histoire et son Action Littéraire (1825-1840)*. Paris: Librairie E. Droz, 1939.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O preço da leitura. Leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.

LAROUSSE, Pierre. *Grand Dictionnaire Universel du XIX^e Siècle. Français, Historique, Géographique, Mythologique, Bibliographique, Littéraire, Artistique, Scientifique etc.* Genève/Paris: Slatkine, 1982. Réimpression de l'édition de Paris, 1882, vol. 13. p.1130 e 1132.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República. São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP/FAPESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Voláteis e Versáteis: de Variedades e Folhetins se fez a *Chronica*. In: *As Mil Faces de um Herói Canalha e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998. p.109-196. [Uma versão mais sucinta desse artigo foi anteriormente publicada em *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, n. 1-4, p.17-41, 1985.]

PARKER, Mark. *Literary Magazines and British Romanticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

PERROT, Véronique. *Le cercle de la Revue Britannique (1825-1901)*. Histoire d'une revue. 2002. 650 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Faculdade de Letras, Universidade de Picardie Jules Verne, Amiens, 2002.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Des jugements sur notre littérature contemporaine à l'étranger. *Revue des Deux Mondes*, Paris, p.749-56, 15 juin 1836.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WARREN, Samuel. *Souvenirs d'un Médecin*. Traduit par Philarète Chasles. Précédés d'une lettre a M. le docteur Amédée Pichot par Philarète Chasles, professeur au Collège de France. Paris: Librairie Nouvelle, 1855.

Data de recebimento: 30 out. 2015

Data de aprovação: 2 dez. 2015.